

133

ECLOGA PASTORIL.

FLORO, ESILVANO.

POR

JOSÉ JACOME
RAPOZO.



13

LISBOA,

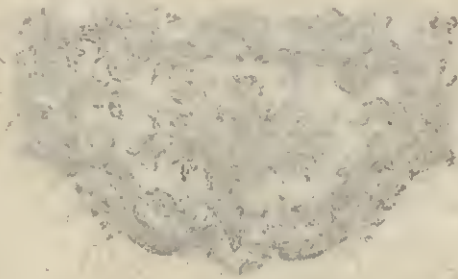
Na Officina de FRANCISCO BORGES DE SOUSA.

Anno MDCCLXXXIX.

*Com licença da Real Meza da Comissãõ Geral sobre
o Exame, e Censura dos Livros.*

12

RECITATION
PASTORAL
FOR
JOHN JACOB
MAYOR



MISSOURI
IN OFFICE OF THE ARCHBISHOP OF ST. LOUIS
AND
CATHEDRAL OF ST. LOUIS
ST. LOUIS, MO.
1854

(3)

ECLOGA PASTORIL.

S E X T I N A S.

R ompendo alegre a rubicunda Aurora,
 Depois de recolher o negro manto,
 Vinhaõ puchando os rápidos Etontes
 A carroça do Sol, que tinha sido,
 Dentro do Tejo á hora costumada,
 Pelos mesmos Etontes despenhada.

Brilhante Sol raiando no horizonte,
 Hum bando de diversos passarinhos,
 Batendo as curtas, penujentas azas,
 Ao ar subindo, pelo ar cruzava;
 E como festejando a luz do dia
 Senora voz do peito despendia.

Contente Lavrador esperançado
 No grande fructo, que colher podia,
 Com a provida mão ao ar erguida,
 Sobre a terra, por elle profundada,
 Hia lançando como lhe convinha,
 Limpa semente, que escolhido tinha.

A II

Quan-

Quando no alto de hum erguido Monte,
 Se achava debruçado n'hum penedo,
 C'o a mão na testa, com os olhos baixos
 O Pastor mais que todos desgraçado,
 Por nome Floro, em cujo peito ardia
 Fogo d'amor, que nunca se extinguia.

Chegava neste tempo á mesma parte
 Com brandos passos o Pastor Silvano,
 Cujas cans, ha bem tempo, que alvejavaõ,
 E olhando para Floro de repente,
 Huma cançada, e triste voz soltando,
 Cheio de dôr assim lhe foi fallando.

Silv. Qua carregada nuvem de tristeza;
 Armada contra ti em guerra acceza
 Te abafa o coração? Amigo Floro;
 Pois te vejo chorar, tambem eu choro.

Tu no rosto mostrando mil pezares,
 Immovei, sem palavra articulares!
 Que destino cruel! Neste retiro,
 Por te ver suspirar, tambem suspiro.

Quem he que offende o teu sincero peito?
 Quem te traz em mil lagrimas desfeito?
 Ah meu bom Floro! já te desconheço;
 Pois que padeces, tambem eu padeço.

Po-

Poem os olhos em mim, e dize aonde
 Prompto remedio do teu mal se esconde;
 Que inda assim como estou cançado d'annos
 Hirei buscallo, por curar teus damnos.

Estas palavras tais o Pastor velho
 Soltando estava, quando o triste Floro;
 Entre soluços, levantando o rosto,
 E as mãos cruzando sobre o brando peito,
 Com voz magoada, que bem mal s'ouvia,
 A fallar deste modo principia.

Flor. Barbara sorte, sorte deshumana;
 Que mais queres de mim na tenra idade?
 Pois que perdi a doce liberdade,
 Perca-se o gado, perca-se a cabana.

Em vão, Silvano, não he bem que exalles
 Por mim suspiros em alguma parte;
 Por mais arte que tenhas, não tens arte
 Para abrandar a força de meus malles.

Tu que ignoras a cauza do meu damno;
 Que és, e tens sido o meu primeiro amigo;
 Determina a razão que só contigo
 Eu vá dezabafar. Ouve Silvano.

Eu ouvia queixar tristes Pastores,
 Que o seu rosto com lagrimas regavaõ;

E nestas duras queixas que formavaõ,
Ouvia-lhes fallar no Deos d'amores.

Huns lhe davaõ o nome de Cupido,
Que feria, e matava pouco a pouco,
Outras chamavaõ-lhe o Minino louco,
Rapaz traveço, Nume fementido.

Huns affirmavaõ que era o Deos d'enganos
De coraçãõ mais duro que hum roxedo;
Outros que era hum cruel motor d'ênedos,
E o flagello dos mizeros humanos.

Huns o pintavaõ com aljava funda,
Cheia de settas, que ferindo fogo,
Se elle com ellas naõ matava logo,
Deixava muita gente moribunda.

Isto tudo, que ouvia, me era estranho,
Em quanto a forte quiz que o naõ soubesse,
Nem depois de ouvir julguei que houvesse
Menino louco com poder tamanho.

Sahia da Cabana, e entrava nella,
Livre d'amor; porque d'amor zombava;
Tocando a flauta, a flauta pendurava,
Entretendo-me ás vezes só com ella.

Da feia ociozidade desterrado,
Sabia repartir as breves horas,

Naõ

Naõ para devertir-me com Pastoras ;
 Mas para o meu trabalho costumado.

Passava assim d'amor independente ;
 Mil deligencias fiz por lhe escapar ;
 Mas muito mal se póde hum só salvar
 Na parte onde periga tanta gente.

Hum triste dia. (dia desgraçado !)
 N'hum baille de Pastoras , e Pastores ,
 Pintou-me amor com refinadas cores.
 Hum semblante de graças rodeado.

Huns olhos , que os meus olhos cativaraõ ,
 Hum rosto , que de gloria esta alma encheo ;
 Hum naõ fei que , que logo me prendeo ;
 Humas mãos , que estas minhas apertáraõ.

Acabada a funçaõ , no fim do dia ,
 Já eu naõ era alli o que era dantes ;
 Já lá no rol dos mizeros amantes
 Por maõ d'amor meu nome se escreviã.

Já eu lá tinha parte no tormento ,
 Com que amor tanta gente atropelava ;
 Já no meu coração principiava
 Pouco a pouco a atear-se hum fogo lento.

Já o nome d'amor achava doce ;
 Já me viaõ no meio da Campina.

Servindo , e amando a gentil Nerina.
 (Oh se quizera ó Ceo , que assim não fosse !)

Nerina , essa Pastora , que soubera
 Logo prender a liberdade minha ,
 Era bella ; mas juro-te que tinha ,
 Peito de bronze , coração de féra.

Nerina , cujo nome não me canço
 De tomar sempre , e sempre em minha boca ;
 Essa tiranna , a quem piedade invoca
 Este triste sem gloria , e sem descanso.

Era da Aldeia o magestoso encanto ;
 Ninguem deichava de lhe ser fugeito ;
 Tinha poder , e para tudo geito ;
 O Deos d'amores , não podia tanto.

Postos nesta Campina dilatada ,
 Movendo o lindo pé airoza , e bella ,
 Deste , ou daquelle modo , junto della
 As mais Pastoras não valião nada.

O mover de seus olhos brandamente ,
 Olhos formozos , olhos vencedores ,
 Bastava só para matar d'mores ;
 Só eu o sei , e só minha alma o sente.

Oh dias de prazer , dias de gloria ,
 Dias mais bellos que a minha alma vio ;

O tempo estragador vos consumio,
E eu não posso riscarvos da memoria.

Inda me lembro, e se me não lembrara,
Menos sintira, do que sinto agora,
Que Nerina foi unica Pastora
Com quem o cego amor me cativara.

Foi ella só a que venceo constante
Meu coração, que amor não conhecia,
Eu sei de certo que ella só podia
Fazer, que Floro se chamasse amante.

Eu lho affirmava no amante trato;
Ella mesma me ouvia em ar fizado;
Jurei-lhe amor; mas o peor de tudo,
Foi sempre achar-lhe coração ingrato.

Lembras-te tu, Silvano, quando hnm dia
Sendo o costume meu estar contigo,
Cheguei a dar finaes de pouco amigo,
Fugindo entãõ da tua companhia?

Pois fui atravessar esta Campina,
Já bem prezo d'amor ao duro laço,
Cheio de gloria adiantando o passo
Por chegar á Cabana de Nerina.

Ah! que não sei pintar-te, nesse dia;
A doce gloria, com que fui buscalla;

B

Che-

Cheguei, em fim; porém não pude achalla.
 Voltei, julgando, que mais não vivia.

Já então começava no meu peito
 A reterver o pessimo ciúme,
 Que ataca a todos; os que tem costume
 De provarem d'amor o duro effeito.

Feias coizas na idea revolvia;
 Suspirando arrazava os olhos d'agoa;
 Affirmo-te que já com tanta magoa
 (Eu não era de ferro) eu não podia.

Nem do meu Gado, nem de mim sabia,
 De gritar por Nerina andava rouco;
 Vagava na Campina como louco;
 Se chamavaõ por mim, não respondia:
 Languido o pulso, o rosto descorado;
 De amor no meio de crueis destroços;
 A macilenta carne sobre os ossos,
 Sem flauta, sem surraõ, e sem cajado.

A huma, e outra parte louco olhando
 Qualquer vulto que ao longe divizava,
 A vaga fantazia me pintava
 Nerina amavel com hum genio brando.

Affim passei nas mãos do meu tormento,
 Que lie como passa quem d'amor suspira;

Té que Nerina a mim chegara , e vira
Hir-se arrancando o meu final alento.

Que tens , (me perguntou) eu lhe disse :
Eu morro , eu morro ; porque amor me mata ;
Morro cheio de dor ; porque és ingrata ;
Morre , morre o Pastor mais infelice.

Taes coizas fez , e com tal arte , e geito ,
Chegou ao rosto meu seu rosto lindo ,
Que fallando em amor , e amor fingindo ,
Por sutil modo confortou meu peito.

Descança , Floro meu (ella dizia)
Descança , que a pezar da inveja crua ,
Hei de unir-me contigo , hei de ser tua ;
Cedo virá de tanto bem o dia.

He assim que a cruel pouco sincera
Cheia d'enganos para mim fallava ;
E olhando para hum ulmo , a quem ligava
Em verde lasso huma amoroza era.

Jurou vellos primeiro desligados ,
Do que os nossos ternissimos amores ;
Mas quanto foraõ vãos , e enganadores
Os juramentos seus por vezes dados.

Mudou-se essa prejura ; já não sente
Quanto passa o seu Floro magoado ;

Hum succéſſo d'amor tão deſeſtrado ;
 Como póde eſquecer tão facilmente.

Dos exemplos , que amor moſtrado tinha,
 Eu já devia ter o deſengano ;
 Se a traidora comigo uzou d'engano ,
 A culpa não he ſua , a culpa he minha.

Mais queria dizer o trifte Floro ;
 Mas a ſetta d'amor , que temperada
 No fogo do ciume tinha ſido ,
 E o brando coração lhe penetrava ,
 A voz lhe interrompia , e entre pranto
 Ficava immovel , motivando eſpanto.

He neſte meſmo inſtante que Silvano ;
 Já velho , já d'amor experimentado ,
 Se enche de dó do que lhe tinha ouvido ;
 Quer conſolá-lo , como ſeu amigo ;
 Floro ſufpira , e já de dor eſtalla ;
 Silvano condoido aſſim lhe falla.

Silv. Ah , diſgraçado Floro , quem podera
 Fazer que te vingaffes deſſa féra ,
 Que conſtante no vicio de prejura ,
 Jurou a fé , que ſe tornou impura !

Can-ſa-ſe hum trifte , e com extremo adora ;
 Abraça a lei d'amor , ſufpira , e chora ;

Ex-

Expoem-se a tudo por huns olhos bellos ,
Que lhe entranhaõ no peito ardentes zelos.

Vai entregar a doce liberdade
Nas mãos d'huma Pastora , que só ha de
Seguir constante o péssimo costume ,
Que he de fingir amor , fingir ciúme.

De huma Pastora , que infalivelmente
Das mãos o interesse traz pendente ;
Que amores pinta com fingidas cores ,
Sendo tudo interesse , e não amores.

De huma Pastora , que mais facil era
Ser compassivo hum coração de féra ,
Do que ella amar deveras a hum triste ,
Que segue amor , a quem ninguem reziste.

Naõ culpo a quem d'amor prova o veneno ,
Culpò as Pastoras , em quem eu condeno
Feio modo , cruel conhecimento
Com que sabem compor o fingimento.

Se no dia em que amor te preparava
Cadeias , com que os pulsos te ligava ,
Tu fallasses comigo , por mil vias ,
Eu te dicera , o que fazer devias.

Dirte-hia coizas já por mim passadas ,
Que nunca foraõ fabulas sonhadas ;

Eu

Eu te dera concelhos, se es tomasses,
Póde ser que d'amor entãõ zombaffes.

Pintaria com cores diferentes
Pastoras loucas, varias, e imprudentes;
Amor, e ellas te fariaõ tedio;
Mas já he tarde, já naõ tem remedio.

Porém para os tormentos, que hoje lentes,
Pois que devem ouvir-se sempre os velhos,
Espero te aproveitem meus concelhos;
Tu os escuta, delles naõ te auzentes.

Fazé das forças rijo coração,
Que a traz dos malles, os prazeres vem;
Quem aprende á sua custa, aprende bem;
Nestas materias posso dar liçaõ.

Foi cegueira d'amor, fraqueza humana
Julgares ser fiel huma tiranna;
Mas se depois chegastes a conhecella,
Em vez de te affligues, zomba della.

Tua paixãõ, que nunca se extingua,
Nunca mais deve ser d'amor paixãõ;
Hum amor offendido tem razaõ,
Para naõ ser amor, nem mais hum dia.

Se á cruel naõ lhe importa o quanto soffres;
Se o teu constante amor lhe naõ convém,

Fa-

Fazer não podemos que te queira bem,
Por mais finezas que por ella obres.

Se ella quando te vê te vira o rosto ;
Se aos combates d'amor já mais se dobra ,
Obra do mesmo modo que ella obra ,
Não a procures , não lhe dês tal gosto.

O coração mudavel , e tiranno ,
Que chegon huma vez a uzar d'engano ,
Ha de sempre enganar , que hum vicio tal ,
Não se póde curar , nem bem , nem mal.

Não disse mais o experimentado velho ,
Que no que disse entãõ , não disse pouco ;
Eis que , por cima dos erguidos Montes ,
Vinha estendendo a noite o negro manto ,
Ambos desceraõ , ambos caminharãõ ,
E no meio do campo se apartáraõ.

F I M.

